



Duo Scherzo convida Maxim Doujak

O despertar do Impressionismo no adormecer Romântico

10/07 *sex* 21h30

Mosteiro de Alcobaca · Sacristia

Programa

Mélanie Bonis (1858–1937)

Sonata para Flauta e Piano, Op. 64

I. Andantino con moto

II. Scherzo

III. Adagio

IV. Finale

Louise Farrenc (1804–1875)

Trio para Flauta Violoncelo e Piano, Op. 45

I. Allegro Deciso

II. Andante

III. Scherzo

IV. Finale

Carl Maria von Weber (1786–1826)

Trio para Flauta Violoncelo e Piano, Op. 63

I. Allegro Moderato

II. Scherzo

III. Andante Espressivo

IV. Finale

Ficha artística

Vera Morais, *flauta*

Margarida Prates, *piano*

Maxim Doujak, *violoncelo*

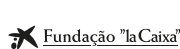
Organização



Apoio



Com o apoio de:



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiro media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

O programa *O despertar do Impressionismo no entardecer Romântico* apresenta ao público obras emblemáticas do final do séc. XIX e do início do séc. XX, período de ouro para a História da Música Ocidental, durante o qual a Europa fervilhava com uma intensa atividade musical.

O concerto propõe uma viagem por essa época, em retrospectiva cronológica e estilística, iniciando com uma obra representante do despertar impressionista, a *Sonata para flauta e piano* de Mélanie Bonis. Esta obra, composta por uma mulher compositora, que trazemos à luz do palco, é demonstrativa da qualidade destes territórios femininos menos explorados, que vão conquistando agora um lugar de crescente destaque no panorama musical.

Mélanie Bonis, colega de Debussy no Conservatório de Paris, revela um conhecimento profundo da técnica de composição e da escrita própria para a flauta e o piano. A sua *Sonata*, escrita em 1904, com 3 andamentos, é imponente, de escrita refinada, muito equilibrada, proporcionando aos dois instrumentos espaço para mostrarem as suas potencialidades técnicas e tímbricas. A linguagem impressionista, a nascer timidamente, faz-se notar em toda a obra: Bonis procura cores, impressões e oferece aos intérpretes uma obra cheia de graça e novidade.

O 1.º andamento, *Andantino*, revela uma delicadeza tocante: o discurso flui ininterruptamente entre a flauta e o piano e o fraseado, numa linha contínua, estabelece um clima intimista e poético.

O 2.º andamento, *Scherzo*, é como uma brincadeira fugaz: muito ágil, com perguntas e respostas entre os dois instrumentos, que parecem brincar entre si do início ao fim. Aqui ouvimos sem dúvida a leveza do espírito francês, muito longe do peso germânico típico do período romântico.

No 3.º andamento, *Finale*, Bonis expande a sua expressividade, escrevendo um andamento de grande densidade emocional, onde o virtuosismo se faz sentir, exigindo dos intérpretes uma boa condução do fraseado, de modo a construir o clímax final.

O Duo *Scherzo* prossegue o concerto convidando o violoncelo a entrar em cena e a recuar ao entardecer do Romantismo, ouvindo dois importantes nomes da História da Música: Carl Maria von Weber e Louise Farrenc, agora em formação de trio. No séc. XIX, a Alemanha encabeçou essa corrente musical, a mais importante de então, linguagem essa que primava pela exacerbação dos sentimentos e pela expressão individual, através da qual cada artista manifestava as suas ansiedades, alegrias, desejos e ideias estéticas.

Em 1856, a compositora Louise Farrenc compõe uma obra de referência para o legado da música de câmara desta formação em trio de piano, com a flauta no lugar do violino.

Louise Farrenc escreve a sua obra em pleno período romântico, no entanto, adota frequentemente uma forma clássica, com desenvolvimentos melódicos e temáticos mais expansivos e expressivos. Profundamente marcada por Mendelssohn, Schumann e Beethoven, a sua escrita não procura o drama nem o exagero em nenhum aspeto, a expressividade é contida e a construção musical revela um equilíbrio notável. Os três instrumentos alternam melodias e acompanhamento num balanço em diálogo permanente, verdadeiramente camerístico.

O Trio possui 4 andamentos: no 1.º, *Allegro deciso*, observamos uma escrita enérgica e muito bem estruturada, revelando uma compositora a dominar muito bem a forma Sonata.

O 2.º andamento, *Andante*, concentra a emoção, o lirismo e a contemplação, tornando-se no centro lírico do Trio.

No 3.º andamento, *Scherzo*, encontramos uma compositora espirituosa. O ritmo é incisivo, a escrita é ágil, mas o humor é sempre elegante, nunca caricatural. É um andamento que nos mostra a clareza clássica de Farrenc, aliada a uma linguagem plenamente romântica

O 4.º andamento, *Finale – Presto*, é tecnicamente exigente, fechando a obra com grande energia e virtuosismo.

O concerto segue com Carl Maria von Weber, que escreve em 1818 – 40 anos antes – o seu *Trio para flauta, violoncelo e piano*. Com 4 andamentos, esta é uma obra de grande envergadura, de caráter narrativo e teatral.

O compositor revela enorme originalidade tendo sido, de facto, o precursor na substituição do tradicional violino pela flauta transversal.

O 1.º andamento, *Allegro moderato*, revela um dramatismo intenso, de caráter sombrio e denso. Os 3 instrumentos dialogam entre si com fervor e ansiedade.

No 2.º andamento, um *Scherzo – Allegro vivace*, ouvimos leveza, agilidade e uma escrita muito colorida para a flauta, a contrastar com o peso e dramatismo do primeiro andamento.

O 3.º andamento possui um título programático, *Schäffers Klage*, que em português se pode traduzir por *Lamento do Pastor* e que nos remete para um ambiente de enorme lirismo, melancolia, elementos próprios do movimento romântico. A própria ideia de sugerir um título poético aponta para uma nova conceção da música instrumental, gesto assaz criativo da parte da Weber.

O 4.º andamento, *Finale – Allegro*, encerra a obra com grande virtuosismo. Interessante é ainda ressaltar neste andamento a introdução de um episódio no estilo fugado: através dele, Weber demonstra a sua sólida formação académica, e valoriza a herança alemã barroca, honrando Bach, considerado o pai da arte da fuga.

Comparando as duas obras, podemos observar diferenças a vários níveis: Weber escreve uma obra poética e teatral, puramente romântica. O discurso musical é intensamente expressivo, mimetizando uma ampla gama de emoções, muitas vezes associadas a temas do amor e da natureza. Utiliza *leit-motifs* para desenvolver personagens e emoções, criando uma narrativa musical coesa. O título do 3.º andamento revela uma vontade expressa de associar estados de alma e personagens à música e a opção de adotar a flauta transversal é uma decisão que se revela extremamente bem conseguida, uma vez que a leveza da flauta, em conjugação com o timbre profundo do violoncelo, provoca uma beleza auditiva surpreendente e confere uma identidade própria ao trio, que acabou por se tornar numa das obras chave do repertório de música de câmara.

Vera Morais e Margarida Prates

Biografias



Vera Morais

Natural de Lisboa, é atualmente solista principal da Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras. Ocupou anteriormente os lugares de primeira flauta solista nas orquestras: Filarmonia das Beiras, Orquestra Estúdio (2012 Guimarães C. E. Cultura) e Orquestra Clássica da Madeira.

É regularmente convidada a colaborar como flautista com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Casa da Música, Orquestra de Extremadura, Orquestra Nacional de S. Carlos e Orquestra do Sul e Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Apresenta-se regularmente a solo, tendo interpretado as mais importantes e emblemáticas obras para flauta e orquestra, com a Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Clássica da Madeira e Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras. Apresenta-se igualmente com frequência em formações de música de câmara, contando em seu repertório com uma vasta lista de obras para flauta com piano, harpa, guitarra, trios e quartetos com cordas e quinteto de sopros. Neste âmbito conta com diversas internacionalizações em países como Espanha, França, Luxemburgo e Alemanha.

É Mestre em ensino da flauta transversal e Licenciada em flauta transversal pela Escola Superior de Música de Lisboa. Realizou três anos de estudos em Paris com Pierre-Yves Artaud e Celine Nessi (solista da Ópera Bastille) obtendo o Prix do Conservatoire N. R. Boulogne-Billancourt enquanto bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian.

No plano pedagógico, é professora dos quadros do Conservatório Nacional de Lisboa no projeto Orquestra Geração desde 2014 e lecionou flauta transversal nos Conservatório de Música de Setúbal, Conservatório de Música de Almada, Conservatório de Loures e ainda flauta transversal e música de câmara no Conservatório Escola Profissional da Madeira - Eng. Luiz Peter Clode.

No seu percurso académico, realizou ainda várias masterclasses com personalidades tais como Aurèle Nicolet, Peter-Lukas Graff, Istvan Matuz, Trevor Wye e William Bennett.

Foi vencedora dos concursos: Concours du Jeune Flutiste (1996, Paris) e Concurso para Jovens Solistas da Nova Filarmonia Portuguesa (1992, Portugal) com quem gravou um CD, sob direção de Álvaro Cassuto. Venceu o Primeiro Prémio e Prémio Revelação no Concurso de Música de Alcobaça (1989, Portugal).



Margarida Prates

Margarida Prates nasceu em Lisboa, cidade onde vive e trabalha.

Após obter a licenciatura em piano na Escola Superior de Música de Lisboa seguiu para Itália para trabalhar com o pianista Fausto Zadra, frequentando durante 5 anos as suas masterclasses na Scuola Internazionale di Piano-forte, em Roma.

Mais tarde ingressou na Academia de Música Aquiles Delle Vigne onde estudou com o Mestre Aquiles Delle Vigne, obtendo o diploma de performance “Diploma de Artista”.

Como concertista gosta de tocar a solo, mas também de explorar a música de conjunto, apresentando-se regularmente em concertos de música de câmara, com instrumentistas variados. Em 2019 fundou com a flautista Vera Morais o Duo Scherzo, estando desde então a trabalhar consistentemente, destacando-se em Portugal como um dos duos mais ativos da sua geração.

O seu repertório de eleição é sobretudo o dos períodos clássico e romântico, mas também tem tido oportunidade de contactar de perto com a música contemporânea, estreando obras de autores ainda vivos.

Em 2017 o compositor português Sérgio Azevedo dedicou-lhe uma obra. Estas experiências de contacto pessoal e íntimo com os próprios compositores tem sido extremamente importante para o seu crescimento enquanto artista.

Já pisou os palcos nacionais e estrangeiros, tendo tocado em Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha e Guatemala.

Tem participado em diversos concursos de piano, tendo obtido menções honrosas no Jugend Musiziert Wettbewerb (1990), no Concurso Internacional de Música do Estoril (1994) e no Corso-Concorso di Brescia / Itália (1996). Obteve ainda um segundo prémio no Tournoi International de Musique, Paris (2003), e em 2024 foi galardoada com o Prémio Platina na categoria de Virtuoso Award, no prestigiado Concurso de Música European Classical Music Awards.

Paralelamente à sua atividade de concertista, Margarida Prates interessa-se pela área da investigação musicológica, realizando periodicamente na RDP/Antena2 programas radiofónicos variados, tais como *A história do teclado* (2008), *O feminismo na música* (2009), *António Fragoso e os seus contemporâneos* (2012), *António Fragoso, biografia musical* (2018), *O imaginário infantil na História da Música* (2022).



Maxim Doujak

Nasceu em Kiev (Ucrânia) em 1971 e reside em Portugal desde 1995. Iniciou a sua formação aos 5 anos na Escola Musical Especial de Kiev N.V. Lysenko. Prosseguiu os estudos no Colégio Musical Estatal Superior de R. M. Glier de Kiev e no Conservatório Estatal Superior de Kiev P. I. Tchaikovsky, na classe de Vadim Tchervov. Em 1995 terminou o curso com distinção

e obteve o Diploma de Solista de Orquestra, Artista de Música de Câmara e Professor. Em 2011, concluiu o Mestrado em Violoncelo na Escola Superior de Música de Lisboa.

Aperfeiçoou os seus estudos em Inglaterra, Alemanha, Suíça e Portugal respetivamente com os membros do Britten Quartett, Yehudi Menuhin, Radu Aldulescu, Natalia Gutman, Márcio Carneiro e Natalia Shakhovskaya. Na Ucrânia fez várias gravações para a Radiodifusão Nacional, Orquestra Nacional do Teatro de Ópera e Orquestra do Bailado Nacional e foi solista do Ensemble Camerata de Kiev.

Obteve vários prémios internacionais nas áreas de música de câmara e música contemporânea, destacando o 3.º Prémio e Prémio para a Melhor Interpretação de Música Contemporânea, no Concurso Internacional N.V. Lyssenko, em 1992, e 2.º Prémio no Concurso Internacional de Música de Câmara “Outumno de ouro”, em 1993.

Em Portugal fez várias gravações para a RTP e RDP (Antena 2) e foi docente no Conservatório de Ponta Delgada, nos Açores, até 2000.

Colaborou regularmente com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa e atualmente colabora com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras (OCCO), entre outras.

Atualmente é professor de Violoncelo no Conservatório Regional de Palmela.